



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

18 DE AGOSTO DE 1956
Ano XIII — N.º 325 — Preço 1\$00

Redacção, Administração e Proprietária: Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Director e Editor: PADRE CARLOS

FUNDADOR
PADRE AMÉRICO

Composto e impresso na Tipografia da Casa do Gaiato — Paço de Sousa
Vales de correio para Paço de Sousa — AVENÇA — QUINZENÁRIO

Facetas de uma Vida

«Portugal inteiro — e é Portugal onde quer que exista um coração português — comoveu-se com a inesperada e trágica morte do Padre Américo. Decerto que nunca entre nós se derramaram tantas lágrimas por um morto.

O seu funeral foi romagem de dor e saudade e ao mesmo tempo cortejo apoteótico de triunfo. É que os santos começam a viver precisamente no dia da sua morte. E por isso a saudade que na terra deixam parece casar-se com a alegria que no Céu provocam.

As manifestações de pesar e as comemorações de simpatia sucedem-se ininterruptamente, desde os grandes centros e instituições aos mais modestos aglomerados e associações.

É justo que assim seja, pois o Padre Américo, porque era de Deus — Pai de todos — é de todos nós.

Mas em muitos discursos e artigos de jornais, que lhe têm sido consagrados, surge-nos um Padre Américo diminuído, mutilado. Pretendem, consciente ou inconscientemente, fazer dele um simples homem bom, sem qualquer ligação com o sobrenatural.

Procedendo assim, não podem dar-nos o verdadeiro retrato do Padre Américo — o Padre Américo total.

O segredo da vida dum homem rico e viajado, que aos quarenta anos se consagra a uma Obra excelsa e realiza tão estupidamente, está na sua conversão, absoluta e sem reservas, a Deus através do sacerdócio; está na sua fidelidade inalterável aos compromissos divinos e humanos da ordenação sacerdotal; está na sua união íntima e constante com a Hierarquia, no seu timbre de soldado disciplinado.

Poderia aparecer, aos olhos de observadores superficiais ou acintosamente vesgos, um franco atirador, à margem dos quadros eclesiásticos. No entanto, a sua inteira submissão ao seu Prelado de quem recebia mandato e estímulo, era para ele o sinal infalível de que trilhava o recto caminho. No próprio dia do desastre que o vitimou, estivera ele em Coimbra a submeter ao Ex.º Prelado da Diocese problemas relacionados com a Obra da Rua e a pedir-lhe orientações.

O documento que, com a devida autorização do Ex.º Prelado de Coimbra, transcrevemos a seguir e foi escrito pelo Padre Américo poucos antes da sua ordenação, encontrando-se arquivado na Cúria Diocesana, aponta-nos a chave de toda a sua vida, que tinha algo de misterioso, porque mergulhada na graça e esta é um dos mistérios do Cristianismo.

Ei-lo em toda a sua eloquente simplicidade:

Seminário de Coimbra
Junho de 1928

Excelentíssimo e Reverendíssimo Senhor Bispo Conde (1)

Como no fim do 3.º ano, segundo promessa do meu V. Reitor hei-de receber Ordens de Presbítero, segue-se que nas ordenações do fim do corrente tomarei Subdiácono; e sendo meu desejo jurar então nas mãos do Prelado voto de pobreza e obediência, rogo a V. Ex.ª Rev.ª o grande favor de ser dispensado do Património.

Tenho esperado com tanta ansiedade e confiança a suprema graça que agora reverentemente imploro, que se me afigura ser julgado digno pelo meu Prelado, concedendo-me sem dificuldade. No entanto, a fim de O auxiliar convenientemente a fazer um juízo seguro e consciente da minha instância, aqui vão duas razões:

a) Com um grande Sacerdote ahi de fora (hoje magnus (2)) que exerce sobre mim uma influência tam decisiva quam misteriosa, conversei e ponderei maduramente isto que exponho.

b) No conceito da sociedade que abandonei, o Padre é um homem inútil e prejudicial; a Religião, uma fábula e Deus, um mito. Eu mesmo assim considerava e confessava as coisas! Hoje, porém, vejo a verdade e quero convencer os que deixei. Com argumentos? Inútil. Como então?

Subindo para que me vejam. Subir como? Desprendendo-me do que tenho e do que sou.

O Sacerdote em questão disse-me que S. E. o Ex.º Cardial Mercier tinha alguns súbditos com voto de pobreza. Estes viviam e cuida que vivem ainda dentro dum x marcado pelo grande Prelado, modestamente, e as sobras acusam-nas a quem de direito. Se esta for a vontade do meu Prelado é igualmente a minha. Mas como tenho por ahi uns biscoitos em dinheiro, objectos, etc. e ainda não sei què que me coube na casa paterna, — desejava imenso passar quitação disto e desfazer-me daquilo se V. Ex.ª Rev.ª mo autoriza.

E tenho finalmente uma migalhita em esterlino, restos do meu ex-pecúlio, que justamente guardava para custear as despesas do meu curso. Este bocadinho de dinheiro, obra de dúzia e meia de contos ao câmbio actual, se V. Ex.ª Rev.ª me considerar digno de tamanha graça é meu desejo entregá-lo para a Obra de S. José (3), se ela ainda existe e corre nos termos da Colecção Autêntica,



«Plantai amor, ó homens, se quereis colher amor».

ca, cuja redacção e fim tanto me comoveu; e para a mesma obra quisera eu ser digno de trabalhar, ganhar muito dinheiro, rios de dinheiro, enquanto servir esta Diocese.

Acerca do voto de obediência, difícil e violento, mas do qual tenho consciência segura da sua extensão e da minha responsabilidade, não me quero obrigar a mais do que se obrigam os Religiosos os quais, se no decorrer da

vida se sentem chamados a lugar mais alto, expõem humildemente as suas dificuldades aos Superiores e facilmente transitam para outras casas mais silenciosas ou mesmo para Regras diferentes, que lhes estejam mais a carácter.

Terminando estas regras, eu desejava que V. Ex.ª Rev.ª fosse verdadeiramente o Pai espiritual dum homem de 41 anos, o qual se fez rico numa vida fácil e des-

Continua na segunda página

Património dos Pobres

A Obra gigantesca do Património dos Pobres saiu já grande das mãos do Pai Américo, cresceu em pouco tempo desmesuradamente, espalhou-se por toda a parte, e, quando era

natural que sobre ela se pusesse o sol com a morte do Fundador, eis que um novo impulso sobre-humano vem rejuvenescê-la, à luz dum sol do meio-dia.

Parece que com o desaparecimento do Pai Américo, todos os diques do egoísmo se romperam.

Não se ficou nas lágrimas sentidas que Portugal inteiro chorou. Não se ficou também na chuva miúda dos telegramas e cartas repassadas de dor.

Foi uma verdadeira explosão de generosidade que abalou os corações mais endurecidos.

Em todos os recantos do País, em todas as cidades, no Porto sobretudo, o incêndio estalou e está longe de ser dominado. Ele nas grandes praças e ruas, ele nos becos e vielas. Foi sobretudo neste campo que se verificou acertada a profecia do Pai Américo: «Depois da minha morte é que a Obra começa».

Todos os jornais, todas as emissoras, todas as vozes de propaganda se encarregaram de fazer chegar às almas a mensagem do amor, da carida-

de cristã, que o Pai Américo foi beber ao Evangelho e se esforçou durante vinte e sete anos de sacerdócio, por enxertar na consciência humana. E conseguiu.

Tivesse ele semeado ventos, colheria tempestades; semeou amor e colheu amor a cem por um.

Muitas passadas tem de dar quem quiser acompanhar o passo certo e largo do Gigante. Ai de nós.

Valem-nos as orações dos crentes que nos acompanham nesta hora difícil. Valem-nos os conselhos amigos de tanta gente ponderada que está conosco. Vale-nos o Pai Américo e Aquele em cujo seio repousa.

Parar, como? Chega-nos de novo o grito de angústia do engraxador da Rua do Capelão com mais um novo rebento, — são quinze agora os filhos comprimidos na toca!

Chegam pedidos de famílias pobres que de toda a parte nos vêm aqui pedir uma casinha.

Chegam-nos cartas aos montes repassadas de amor mater-

Continua na 3.ª página

Por amor à verdade

A CABO de ver um Jornal norte-americano. Se não tivera lido em imprensa de mais perto tanta fantasia sobre a vida e a morte do Pai Américo, mais ainda pasmaria das distâncias aonde leva a imaginação dos homens.

Isto e o interesse manifestado por muitos leitores, faz-nos voltar aos últimos dias da sua vida e relatar.

Em 12 de Julho, 5.ª feira, foi a bênção da Capela de Beire. Dia de grande satisfação para Pai Américo. E o seu último acto público, como que o sublinhar do seu cuidado maior: «A vida religiosa nas nossas comunidades, seja o centro. As grandes aflições dos Padre da Rua tenham aqui a sua origem; vale mais a alma do que o corpo».

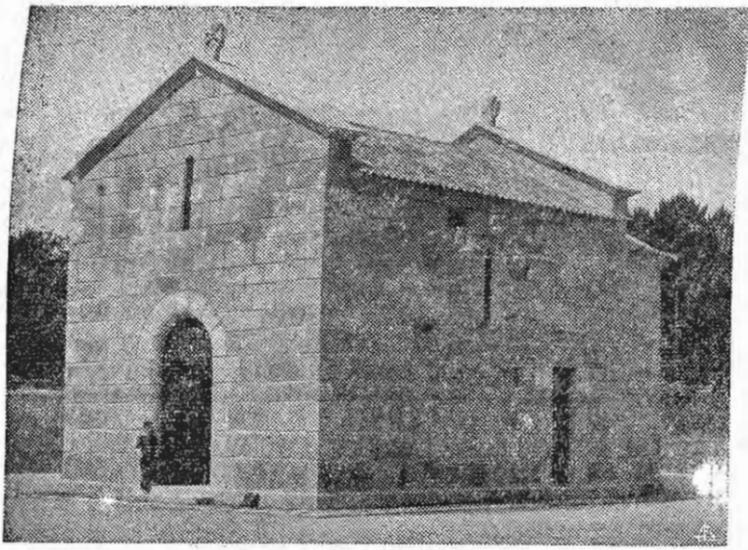
Na tarde desse dia partiu em direcção ao Minho aonde o levavam assuntos da Obra. Arrumados estes, em 6.ª feira, 13, outros o obrigaram a descer a Coimbra. Contava pernoitar em Marinha Grande onde realizaria uma palestra sobre o Património dos Pobres; porém, a notícia de uma recepção festiva, desviou-o de lá.

Mas sempre continuou para o Sul afim de tratar em S. Martinho do Porto do Património dos Pobres naquela terra. Foi o seu último sopro. De regresso trouxe de Alcobaca as duas senhoras para ajudar nesta Casa de Paço de Sousa. Foi no sábado, 14, o fim da viagem. A tarde desse dia esteve ainda tomada por voltas no Porto. No regresso a Paço de Sousa, em S. Martinho do Campo de Valongo foi o desastre. Não houve excesso de velocidade. Não houve desleixo.

Coni. na página quatro

Facetas de uma Vida

— Continuação da primeira página —



Capela de Beire.

A simplicidade da Casa de Deus, diz que Deus é simples.

CALVÁRIO

Um dos dias mais felizes do Pai Américo, foi, sem dúvida, a inauguração da capela de Beire. O local, o estilo, a finalidade do templo; a aspiração há tanto tempo recalcada, de poder enfim repousar de tantos anos de luta, à sombra daquela Cruz — tudo contribuiu para a alegria daquela hora.

Mas o sonho desfez-se: eram outros os planos de Deus! Foi-lhe vedada a alegria de imolar o Mártir do Gólgota naquele altar, mas coube-lhe a glória e o mérito de escolher a primeira vítima deste mundo mesquinho que iria encontrar no Calvário o sangue do Redentor.

Quem não lembra o pequeno gaiato de há 13 anos, enfiado numas botas de cano alto a chegar-lhe às orelhas e logo baptizado pelos companheiros com o nome de «General»?

Um General de Lisboa, man-

Saudades do Pai Américo

Todos sentiram e sentem a falta dessa alma eleita por Deus para tão altos desígnios. Mas ninguém pode sentir tanto como a «Obra da Rua», a Sua Obra, na qual depôs todo o seu amor, o seu carinho e a sua vida. Também nós os rapazes e raparigas da «Obra de Nossa Senhora do Amparo» sentimos a sua perda irreparável, pois ele com a sua habitual bondade disse na Conferência últimamente feita no Tivoli que de todas as Obras de Caridade, a nossa lhe merecia muito amor, carinho e simpatia porque ela era a continuidade da sua. Muito tínhamos a esperar de tão grande Obreiro que a todos cativava e prendia com o seu amor! Mas partiu. E Deus todo Misericordioso, não desampara os infelizes, porque novos obreiros trabalham já no engrandecimento cada vez maior da sua abençoada Obra, e nós estamos certos, partilharemos com igual protecção, carinho e amor. Com os olhos postos no Céu, (onde deve estar o Pai Américo) lhe pedimos que continue a amar e proteger a sua Obra; e nós cá na Terra rezaremos pelo seu eterno descanso.

Benjamim Augusto Faustino

dou-lhe uma farda, coberta de glória nas Campanhas de África. O nosso «General» coroou-se de estrelas. Vieram os anos, mas o corpo ficou sempre franzino. Foi dos que passou fome no ventre materno. Transitou mais tarde para o Lar de S. João da Madeira. Um dia alguém de família requisitou-o, e lá voltou o «General» para a fome deste mundo egoísta. Mirrou-se-lhe mais o corpo; as pernas arquearam. O «General» era um farrapo.

Pai Américo encontrou-o um dia e ofereceu-lhe a primeira cama do Calvário. Chegou a hora. O «General» apareceu na Igreja da Trindade, no momento em que ia ser fechada a urna. Seguiu, a meu lado, no primeiro carro do cortejo triunfal, até Paço de Sousa. Meteu à boca o primeiro pedaço de pão, às três da tarde. Estava esgotado, muito doente.

No dia seguinte entra finalmente no Calvário. Deita-se em lençóis lavados e exclama confortado: «Agora já posso morrer. Tenho sofrido tanto!...»

O Calvário entrou em cheio na sua missão — dar uma cama aos que não têm onde morrer.

Chamado o médico, receita remédios caros; o doente toma os primeiros caldos; põe-se-lhe um rádio à cabeceira. O «General» sente-se renascer, já quer sair da cama. Quer trabalhar. Pediu-me uma máquina de costura para fazer o seu fato e o dos companheiros. É o primeiro pedido dum mártir resuscitado. Quem no ouve?

Muita gente procura o Calvário, mas torna-se difícil encontrá-lo: entra-se por um beco.

Daqui pedimos à Câmara de Paredes que alargue a entrada.

Padre Adriano



A primeira casa do «Calvário».

cuidada e agora, para se fazer pobre, tem-se visto e vê-se apertado em «algumas» dificuldades.

Beijo com reverência o anel de V. Ex.^a Rev.^a

A. M. AGUIAR

P. S. Nota curiosa: — Numa casa de ferragens, ao fundo do Mousinho, em certos dias da semana, das Bandas da Banharia, entrava a esperar o carro da Praça do Infante um homem alto, grave e pontual. Logo de dentro, diligente, saía um petiz a oferecer-lhe um banco... Já lá vão 24 anos. Éramos nós!

Junto deste expressivo requerimento, que termina inesperadamente por uma nota, na verdade curiosa, a recordar antigos contactos, nas ruas do Porto, entre o então Cônego Dr. Coelho da Silva e o jovem Américo de Aguiar, encontra-se outro documento, escrito quatro meses mais tarde, e que diz assim:

Seminário de Coimbra
Outubro de 28

Dia em que fui admitido ao Subdiaconato.

Voto de Pobreza. Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Christo, o grande Mendigo, que me tem cunhado de riquezas sem conta nem peso nem medida, declaro solenemente, humildemente, que nada mais desejo possuir nem saber, nem pregar, senão a verdadeira riqueza que o mundo ignora e que se chama a Altíssima Pobreza do meu Senhor Jesus Christo. E assim, com consciência clara e visão segura das dificuldades, privações e responsabilidades da vida futura, quero ligar-me a ela por um Voto de Pobreza, sub gravi, que hoje juro humildemente nas mãos do meu Prelado, renunciando desde já a tudo quanto possuo ou venha a possuir, obrigando-me a viver pobremente, do meu trabalho de cada dia e a entregar ao meu legítimo Superior tudo quanto me sobrar do meu modesto sustento e decente vestuário.

Américo Monteiro de Aguiar

Voto de Obediência. Em nome e por amor de Nosso Senhor Jesus Christo, que se fez obediente até à morte para me dar esta Vida Divina que nos consome, declaro solenemente, humildemente, que de hoje para o futuro desejo viver ligado à vontade do meu Prelado, na renúncia inteira da minha, pelo que humildemente juro nas suas mãos, nesta data, Voto de Obediência inteira, sub gravi.

Américo Monteiro de Aguiar

Tais documentos, em que já transparece a gigantesca figura moral do Padre Américo, pois já nele entrara e actuara a graça da conversão, constituem a melhor resposta às insinuações de tantos que pretendem mutilar-lhe a personalidade, vindo nele apenas um homem bom, quando é certo que se ele, depois de quarenta anos de vida agitada e dissipada, conseguiu ser um homem bom, foi porque era sacerdote e era santo.

Coimbra, 23 de Julho de 1956
(7.º dia da morte do Apóstolo da Rua)

EURICO NOGUEIRA

(Promotor da Justiça na Diocese de Coimbra)

(¹) No alto tem a seguinte nota a lápis escrita pelo Sr. D. Manuel Luis Coelho da Silva: Entregue pelo Arthur a 20 de Junho 1928. Este Arthur é o Rev.º Padre Artur Teixeira da Costa, pároco de Vila Pouca da Beira, então seminarista e fámulo do Ex.^{mo} Prelado de Coimbra.

(²) Era o Prof. Doutor Gonçalves Cerejeira, nessa data Arcebispo de Miltilene. Fora nomeado para este cargo a 23 de Março e sagrado na Sé Nova de Coimbra a 17 de Junho desse ano de 1928.

(³) É a Obra de S. José para assistência espiritual e material ao clero pobre e doente da Diocese de Coimbra, instituída em 15 de Abril de 1917.

Transcrito com a devida vénia de «NOVIDADES».

Venda do Jornal

Os vendedores acabam de chegar em chilreada alegre. O interesse e entusiasmo dos compradores contagiou-os. Todos fazem prognósticos sobre as próximas vendas. Uns são por que haverá de novo uma baixa. Outros que não. E todos concordam que a tiragem há-de continuar sempre a subir. Fazem-se projectos para a futura quinzena. Cada um dos vendedores titulares das várias terras que costumamos visitar requisita um ajudante. Propõe-se agora mesmo uma reunião magna de todos os vendedores afim de se estudar a possibilidade de mobilizar novos.

Temos fé e rodos. Portanto temos homens. A fé e um reacquerer de canho é a marca de todos os amigos. Eu estou para aqui meio entontecido com o desafio dos palradores em constante interferência. Tudo quer falar. Tudo ao mesmo tempo.

Há notas curiosas. Um senhor abraça um vendedor e diz-lhe: «Olha lá rapaz, coragem! Agora é que és».

Outro conta que só a Pobres

vendeu 600 jornais. E outro diz que foi abordado por muitos que não tinham o escudo e lamentavam não poder comprar. «Eu cá a estes dava o Jornal pelo dinheiro que tinham». E fez muito bem.

A venda foi fulminante. Os primeiros 6.000 esgotaram-se antes de acabada a manhã. A tarde de sábado levou outros 6.000. E mais 6.500 não chegaram para as vendas de domingo no Porto, Viana, Braga, Guimarães, Barcelos, Espinho e Póvoa.

Das outras Casas do Gaiato recebemos notícias da mesma sorte. Ainda que quiséssemos não poderíamos mandar mais jornais, que a nossa «Planeta» não dá vasão a imprimir.

E já agora um esclarecimento: Os assinantes que nos desculpem o atraso com que receberam o passado número. Que continuem a desculpar-nos qualquer falta neste ponto. Agora o problema é uma impressora automática. E depois, com a ajuda de Deus e a amizade de todos, vamos passar dos 50.000.

CAMPANHA DOS CINQUENTA MIL

Tenho bem patente na minha memória o silêncio do Pai Américo quando escutava o nosso pensamento mai-lo fervor que empenhamos na Campanha dos Cinquenta Mil. Ouvia pacientemente tudo; tudo até ao fim. Depois, exclamava com um sorriso, aquele sorriso a que tanto nos habituáramos, tão puro, tão paternal: «Anda prá frente. Escreve». Uma aprovação. Um incentivo para prosseguirmos na Campanha, da qual comunga mais que nós: «Anda prá frente. Escreve». E escrevemos. Sempre.

Entretanto, o calor e o entusiasmo e o sacrifício dos leitores, cresce. Avoluma-se. A bola de neve rola e engrossa: o correio traz montes de cartas de todos os quadrantes. Cartas espumantes! É assim a Campanha. A Campanha na rua — sujeita à glória e aos atropelos do mundo. A páginas tantas Pai Américo sentira-se como que dominado pela avalanche e com certo ar de graça, tão sua, levanta o dedo e afirma: «Agora quem escreve sou eu». Um alívio e uma vitória! Cantamos vitória! E como recordação temos aqui os seus artigos. Os últimos! São monumentos da Campanha. Até apeteceia transcrevê-los. Mas não. Hoje não. Entretanto, uma certeza nos domina — a avalanche de novos assinantes que a sua ida para o Céu gerou, é o prelúdio de que, junto ao Pai Celeste, mais e mais se interessa pela sua e nossa Campanha; a certeza de que «vamos os cinquenta mil».

Júlio Mendes

De como os Gaiatos sentiram a falta do Pai Américo

SETÚBAL

Também na manhã do dia dezasseis a notícia crua e esmagadora da morte do Pai Américo nos veio surpreender antes que os raios do Sol louressem a cobertura da nossa casa. Dolorosamente estremunhados os rapazes saltaram das camas movidos por um sentimento espontâneo, despertado no seu espírito pela triste nova que corria velocíssima até aos últimos ouvidos.

Nascidos há pouco no berço do Pai Américo os rapazes de Setúbal não sentiram tão profundamente como nas outras Casas do Gaiato o momento de luto de toda a família da Rua. Não trabalharam, como na nossa quinta ninguém levantou palheira.

Valeu-nos do muito a presença amiga dum Padre do Seminário de Coimbra que às 8 horas celebrou Missa por alma do nosso Pai Américo na qual alguns comungaram pela mesma intenção. Quisemos que também os nossos amigos de Setúbal vivessem connosco as horas amargas da Obra da Rua e imediatamente após a notícia do falecimento comunicámo-la para a cidade. Foi um chover de telefonemas de sentimentos e consolações. O Pai Américo e a Obra da Rua entraram já no coração das Senhoras e dos Senhores de Setúbal. Rezemos pelas necessidades da Obra!

Crisanto

PAÇO DE SOUSA

Pai Américo partiu! Foi para a eternidade. Acabou o programa. E foi aberta a segunda e última folha do Livro. A do Drama da Vida que representamos. Despediu-se de nós a imagem do Querido Pai Américo para todo o sempre. Seu corpo descansa no sono eterno, sob a terra fria do Cemitério Paroquial de Paço de Sousa. É numa campa humilde, ficando com a cabeça encostada ao muro da nossa quinta, no nosso regaço. Não faleceu, apenas se despediu de nós, voando para o Céu, onde goza face a face com Jesus. A sua e nossa Obra continuará pelos tempos adiante, sob seu olhar feliz e meigo de Pai. A Obra da Rua é, disso não tenho dúvidas, padão imorredouro, onde brilhará a Cruz de Cristo. A mesma que foi levada ao Calvário. A palavra forte, viva e sempre actual do Mestre, continuará a fazer Luz nos barrados, bairros de lata, vãos de escadas, aquedutos, nos lugares onde mais intensamente campeia a miséria, onde a cruz é mais pesada. Para cumprirmos a nossa obrigação teremos de fazer destes sítios lúgubres, nosso altar e nossa vida.

Os Padres da Rua e os Gaiatos mais velhos serão os voluntários cireneus, para suavizar a cruz de milhares de almas que habitam estes sítios. Também vi pela primeira vez a luz do dia nestes sítios. Minha casa era as estranhas duma rocha amiga, companheira das minhas horas de infortúnio e tinha como amigos os passarinhos, a lua e as estrelas. Foi pela manhã do Pai Américo que me sentei pela primeira vez a uma mesa, comi comida feita ao lume, me deitei numa cama lavada e ainda por sua mão, aprendi a falar com Deus. Deste cantinho te digo, Pai Américo, que se até esta encruzilhada tínhamos fé, agora muito mais. A Obra da Rua crescerá, serão vestidos os nós, daremos de comer a quem tem fome. Estará onde for requisitada a sua presença, para ajudar a cumprir o Divino Operário.

O Jornal aqui está a visitar e dizer duas palavras aos ouvidos do leitor Amigo. Permanecerá fiel à linha de rumo traçada pelo seu fundador. Continuará a ser a voz dos humildes, pobres e infelizes. Pelas suas colunas perpassará a Palavra Divina, tão límpida como cristalina água que brota da rocha. Espalhar por toda a parte o fogo do Evangelho e a distribuir como alimento o Sangue Preciosíssimo, derramado no Gessémani.

Pai Américo partiu! Depois de bater a todas as portas dos homens, foi para o Céu, bater à Porta de Deus, pedir mais pão para os Pobres, paridade para os ricos, misericórdia para os pecadores, mais amor para a humanidade.

Nós, seus filhos, temos obrigação de

nos unir, abrir trincheiras, rasgar horizontes desconhecidos e seguir sempre em frente, na certeza que seguimos na senda do triunfo.

Pai Américo fez-se humilde para ser grande. Foi-o na vida e na morte ainda mais!

Pai Américo partiu! Foi Jesus, que conhece e chama todas as suas ovelhas pelo seu nome, que o chamou a Seu Seio.

Estivemos na Igreja da Trindade. Era uma autêntica multidão de gente que inundava a Igreja e Avenidas circunvizinhas. Eram pessoas de todas as fés e credos. Mas que é que aconte-

ce para nos dar conforto e animar em lutas futuras. Em nome dos restantes irmãos.

Daniel Borges da Silva

TOJAL

Foi doloroso o dia em que recebemos do Porto um telefonema a anunciar a morte do nosso bondoso Pai Américo.

No dia 16 do corrente pelas 7 h. da manhã foi um alvoroço cá em casa, só se viam grupos de rapazes espedidos pela casa a comentar o sucedido, mal podendo acreditar na morte do nosso Pai.

Com a malta ainda em dúvidas (ora quem não havia de duvidar sem ver),

do Padre que tanto bem fez em Portugal.

Confiamos nos nossos benfeitores para nos auxiliarem visto que sem a vossa ajuda as Casas do Gaiato deixariam de existir.

Oscar Manuel

Eis uma carta do Victor do Tojal: «Pai Adriano eu mando-lhe esta carta de luto porque faleceu o nosso Pai Américo o Avô dos Gaiatos e Pai da Obra da Rua.

Nós os gaiatos temos que pedir ao Pai do Céu que nos mande outro Pai da Obra da Rua e Avô dos gaiatos até ao seu último momento. Peço que a Obra não mude o nome de rapazes para rapazes, pelos rapazes. E com isto termino. Em que nós os gaiatos temos

mais se vira. Soubemos a notícia ainda na cama. Levantámo-nos e fomos imediatamente assistir à Missa.

O Pai Américo deixou assim em todo o País uma saudade que se não pode apagar, porque não foi só o Pai dos Gaiatos, foi também o Pai de todos os pobres, inválidos, desprotegidos, etc. Foi sem dúvida nenhuma uma grande perda nacional.

Como não podia deixar de ser, fomos também assistir e tomar parte no funeral. Quando o vimos assim tão calmo e sereno, quase não acreditávamos que estivesse morto, mas sim a dormir. Tudo aquilo nos parecia mais um sonho do que uma realidade e esta pergunta, não nos saíra da mente: —Será possível que o nosso Pai Américo tenha morrido?»

Todo o Portugal sofreu, mas sobretudo nós, os Gaiatos. A cidade de Coimbra também chorou amargamente a morte do Pai Américo e o nosso telefone não cessava de tocar e recebemos também inúmeros telegramas e cartas. A todos muito obrigado.

Com a morte do Pai Américo, ninguém julga que a «Obra da Rua» acaba! Ela não pode acabar, porque está edificada sobre as mãos de Deus e sustentada pelas nossas preces. Caso contrário, seria uma verdadeira desgraça.

Carlos Manuel Trindade (Sardinha)

MIRANDA

A primeira notícia que recebemos, no dia 16 de Julho, dia de Nossa Senhora do Carmo, ainda na cama, foi a da morte do nosso querido Pai Américo.

Levantámo-nos silenciosos e tristes e dirigimo-nos para a capela para aí ouvirmos a Santa Missa por sua alma, talvez a primeira, rezada em seu favor. O povo da povoação acorreu todo e muitos comungaram.

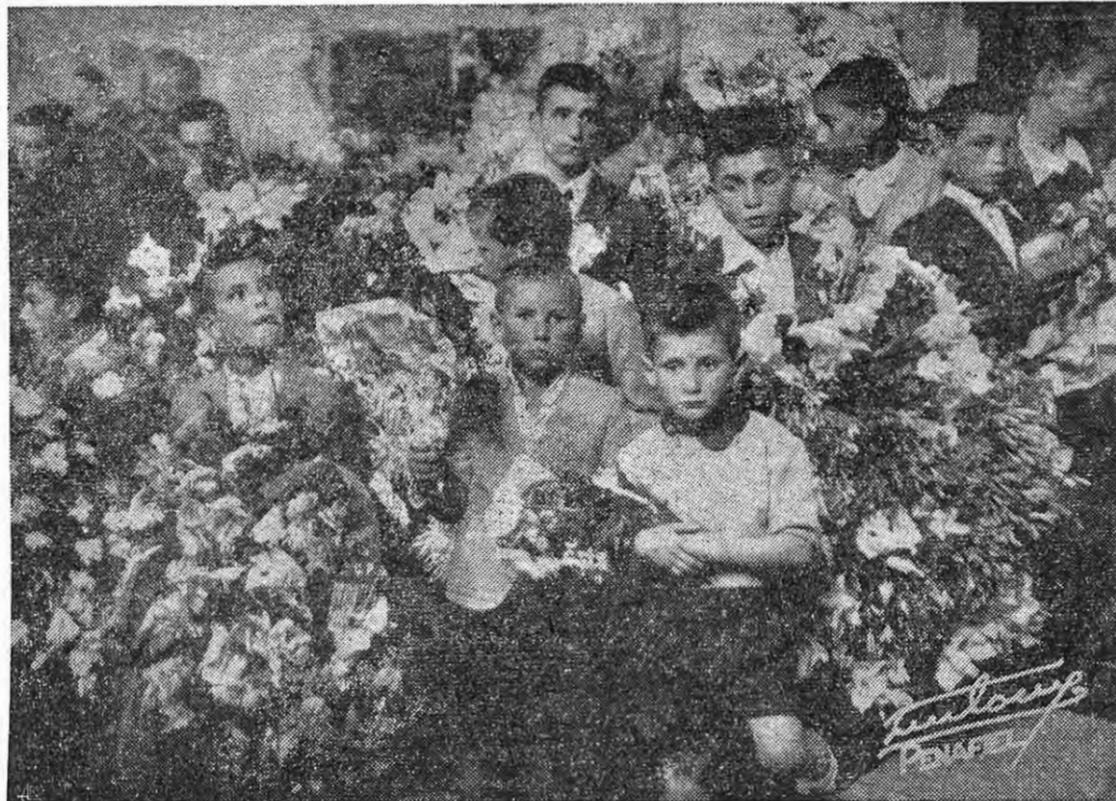
Um grupo de rapazes desta Casa, juntou-se aos do Lar, em Coimbra, para irmos prestar as nossas últimas homenagens ao nosso Pai, mais que Pai.

Durante estes dias temos redobrado de oração pela sua alma e pela Obra da Rua. Para que Deus continue a ampará-la e para que o Pai Américo, lá do Céu, continue a ser o nosso guia.

Em Deus, estamos plenamente confiantes que não nos abandona; dos homens, esperamos também a sua generosidade.

Que todos saibamos olhar e imitar o Pai Américo, o Pai dos Pobres, o Apóstolo de Bem Fazer.

Carlos



Expressões que dizem saudade.

ceu? O que haveria de anormal? Nada. Tudo muito simples. Desapareceu da cena da vida, a figura dum Pobre Justo, que queria o bem de tudo e de todos. Foi o instrumento com que Deus se serviu para atenuar a dor dos Pobres, presos, doentes. Está em bom lugar. Não tenhamos pena dele, mas choremos nossos pecados.

Não quero terminar sem agradecer a todos os que tiveram uma palavrinha

assistimos à Santa Missa por alma do Pai Américo, indo seguidamente a caminho do Porto cerca de 15 rapazes para prestar as últimas homenagens àquele que fez tanto bem por nós. Sentiu-se muito em Portugal a morte do nosso Pai Américo, e sobretudo os Gaiatos.

Peço a todos os Senhores para não nos esquecerem devido à morte súbita

obrigação de pedir a Nosso Senhor Jesus Cristo que nos auxilie. E que o Pai Américo nos guarde no Céu e que os Padres e rapazes da Obra da Rua possam ficar à sua direita.

Victor.

COIMBRA

A morte do Pai Américo mergulhou o nosso Lar numa tristeza, como ja-

NA ÚLTIMA VIAGEM

Lê-se, mas não se acredita: morreu o Padre Américo! Habitados, como todos estávamos a vê-lo sorridente, dinâmico, impaciente, encontramos-lo agora imóvel e frio. Continua, porém, sorridente no leito de morte.

Património dos Pobres

Cont. da 1.ª página

no: «Meus filhos, coragem!» Felizmente que a esta expectativa do «receber» e à febre do «dar», corresponde outra não menor: a do «construir».

Páricos e vicentinos reusam-se a pedir instruções, auxílios, comparências. As primeiras pedras estarão a cair a ritmo nunca visto. As inaugurações estão a ser apressadas.

Louvido seja Deus!

Padre Adriano

Milhares e milhares de pessoas de todas as categorias sociais foram vê-lo pela última vez. Descalço e vestido com a sua habitual batina de Padre! Descalço, como os Pobres e garotos da rua, pelos quais gastou a sua vida. Sem os paramentos sacerdotais. De batina, apenas por humildade. O Américo daquele tempo... sacerdote! Este pensamento traduzia-o ele, sempre propondo ao seu nome um ponto de admiração: «Padre Américo!» A sua alma contemplativa permanecia, mergulhada em Deus, admirada e agradecida. E, ao mesmo tempo, sabia o peso que o sobrecarregava. Por humildade sòmente uma batina. «É um pobre que morre. Dê-se-lhe tudo e unicamente o que é costume dar-se aos pobres que morrem nas cidades e aldeias». Assim ordenou. Se em

vida fugiu das homenagens à sua pessoa — ainda na véspera do desastre, sabendo duma que lhe estava preparada na Marinha Grande não apareceu! — agora inanimado, não pode furtar-se à maior apoteose que em vida jamais sonhara. Uma mole enorme de gente de todas as idades e sexos e condições sociais comprimia-se à sua volta, para o ver, pela derradeira vez e oscular-lhe as mãos, e pranteava-o, ao longo das ruas, por onde passava o préstito fúnebre. Sentiamo-nos todos, não só os seus Padres, como os Gaiatos e ainda o público, órfãos. Todos tínhamos recebido dele alguma coisa. Uma esmola. Uma palavra. Uma linha escrita. Uma censura amiga e sincera. Um sorriso. Tinha enxugado as lágrimas a muitos. Metia-se nas casas dos pobres e provava-lhes o caldo para

analisar e sentir a sua pobreza. Matou a muitos a fome. Muitos, por meio dele, encontraram a razão de ser da sua existência, a paz da consciência, o caminho do Céu. A sua palavra ardente e o seu coração eheio do amor de Deus não conheceram tréguas, nem subornos, nem defecções na defesa dos direitos sagrados dos humildes e fracos. Por isso, foram estes os que mais sentiram a sua perda.

Custa acreditar que Pai Américo nos foi arrebatado e ficamos todos na orfandade. Mas não. Agora, mais que nunca é pai. Pelos Pobres, fracos e orfãos, não subiu tanta vez as escadarias dos ricos e poderosos deste mundo? Pois bem, subiu, agora, também ao trono de Deus, como confiadamente esperamos na sua Misericórdia infinita, para aí ficar como nosso Advogado e Protector. Mais que nunca não nos abandonará.

Na terra, ficou a Obra da Rua, a sua Obra querida, de

Cont. na pág. quatro

AGORA

Descalça-te que é santa a terra que calças — assim dizia uma voz saída da Sarça Ardente, a Moisés. Outro tanto temos de dizer diante do brazeiro deste Agora.

Vamos começar pelas «migalhas dos pobres» como diz a lista dos pobres moradores do Bairro Amazonas que se inscreveram com 111\$50; 50 duma Mãe agradecida; 20 de Ermezinde lamentando não poder dar mais; 30 de Guimarães para o Calvário, 50 do Teixeira, 50 de Aida, 91\$ dos alunos da 4.ª classe da Escola 131; 20\$ de tabaco queimado a menos durante um mês; mais 20 de uma feliz por muito sofrer, para alívio dos doentes do Calvário.

Estas são as primeiras grandes pedras onde cai a bênção de Deus e que aguentam a mole imensa dos Santuários do Património e Calvário.

Vêm depois os cunhais das mesmas obras tão unidas que mutuamente se completam. Foram os Comerciantes da Rua de Santa Catarina (e não toda) quem apresentou as duas primeiras casas (24.000) para a aldeia do Pai Américo. Logo os Comerciantes de outras ruas aderiram e a aldeia começou a crescer.

Praça Carlos Alberto e Universidade 18.090\$. Rua Alexandre Braga 15.140\$. Rua Mousinho da Silveira 31.200\$. Ruas José Falcão, Ceuta, Almada, Picaria, Conceição e Mompilher quatro casas (48.000). A aldeia leva já dez casas mas não fica por aqui. Muitas delas, como Almada e Picaria traziam já terreno para a sua construção — o que triplica o valor.

Os Empregados dos Bancos vão também por pedras e aparecem casas. Banco N. Ultramarino 12.200\$ com a colaboração do Conselho de Administração. Banco Pinto e Sotto Maior, uma casa. No Banco Espírito Santo outra. Os particulares não ficam atrás. Uma casa da Foz do Douro, outra na Avenida Marechal Gomes da Costa — Lar de S. José, mais uma no Banco Pinto e Sotto Maior. De Algures vem a «Casa do Meu Carlos» que amealhou para ir conhecer as obras dos Génios da Humanidade na Itália mas foi Deus servido levá-lo a ver do Céu a casinha que lhe está a ser construída no Calvário. Se não foi vai agora aqui a «Casa Zana» de Rotterdam.

E temos quase uma vila porque Lisboa também aderiu. Para o Calvário vem um anónimo com 50 contos. Outro com uma casa. C. Santos L.da concluiu a sua. Outros estão prestes: Casa Avilez, Casa da Avó. Funcionários da Junta Nacional do Vinho, Funcionários dos C. T. T. Metade da «Casa Padre Cruz» de Anadia. Do Ultramar chegaram as primeiras notícias. De Danje 10 mil para uma casa perto de Coimbra; De Lourenço Marques, cinco rapazes dum curso da Marinha reúnem-se e enviam 7.500 para a sua casa. Mais 2 mil de Coimbra, outro tanto da Belarte, do Porto, 2.ª prestação; 1.868\$70 do Pessoal da Hidro E. do Cávado; e a 2.ª prestação da «Casa da minha noiva.» 300 do aumento do ordenado e um par de brincos — duma pobre pecadora. E mais, e mais como diria o Pai

Por amor à verdade

Cont. da pág. UM
Não houve culpa. Foi um desastre.

Aliás o acidente deixou-o sem pernas e ele morreu do coração, consumido por 27 anos de sacerdócio vivido com uma intensidade que ninguém põe em dúvida. Depois, foi o regresso ao Hospital de Santo António. O estado era grave. A noite de sábado para domingo manteve em cuidado médicos e amigos. No domingo de manhã, perfeitamente lúcido, como quase até ao fim, pediu e recebeu os Sacramentos. O dia de domingo foi passando em esperança crescente. A noite encontrou-o com tensão arterial e pulso em franca normalização.

Cerca das 11 horas, um médico amigo, ainda familiar, viu-o e ficou muito contente. «Até já rejilou» — disse ele ao deixar o quarto. Passado pouco pediu uma injeção para dormir. O médico assistente consentiu. Mas ele nem mesmo assim conseguiu descansar. A sede mortificava-o constantemente pedia pedacitos de gelo que chupava sôfregamente. Às 2 da madrugada começou a ficar muito aflito do coração. Deram-lhe injeções adequadas e tomou oxigénio. Cerca das cinco horas começou a sossegar. Pensámos que era a reacção boa. Mas ele foi-se apagando e às seis e cinco da manhã do dia 16, dia de Nossa Senhora do Carmo, Avelino gritou que já não respirava e nós quisemos não acreditar, mas era verdade. Depois, foram aquelas vinte e quatro horas de apoteose que o Porto conheceu. Depois a chegada a Paço de Sousa, em simplicidade, como ele gostava. Depois o abrir do chumbo, não em lances trágicos como romancearam os repórteres, mas porque havia licença para tal, já que o corpo desceria à terra. Depois um beijo de cada um por despedida. Depois, a presença dele que todos nós continuamos a sentir e que nos esforçamos por manter, vivendo a vida que nos legou, em simplicidade, como ele gostava.

NA ÚLTIMA VIAGEM

Cont. da Terc. página
protecção, socorro e evangelização dos Pobres, especialmente os rapazes da rua. É a continuação da sua personalidade. Por meio dela, ficará entre nós. O Pai Américo não morreu. Amá-lo-emos mais entranhadamente na sua querida Obra.

Padre Aires

Américo. Mas o jornal tem o seu limite e os cronistas reclamam. Escusado será dizer que a alma do Pai Américo paira sobre toda esta fogueira. Ele a acendeu, ele a propaga, ele a sopra. Para ele todas as orações e honra e louvor, depois de Deus.

P.e Adriano



Membros do Governo e Autoridades marcaram presença à nossa dor.

AQUI, LISBOA!

Venho hoje chamar a atenção para a eloquência de uma presença. Nunca tão significativa como desta vez o título que tem presidido a esta coluna, em virtude daquela — Aqui Lisboa.

Esteve no Tojal uma característica representação da cidade. Digo característica porque o é, conquanto ao que vem de fora não seja dado contemplar, mas só a quem se embrenha nos meandros de bairros como os da Curreleira. Pois, foi mesmo este que veio até nós. Estiveram três auto-carros. Se dinheiro, mais. Se saúde, não faltaria ninguém. Isto equivale a dizer que esteve a Curreleira em peso. E que eloquência a desta presença! Que pretendiam afirmar? Soube-o dias antes, quando ali fui e topei com a seguinte legenda nas tábuas sujas dum barraca: «Colabore na homenagem ao Pai dos Pobres. Inscreva-se.» Muitos nomes inseridos e ao redor de mim muita pena por não serem mais. O analfabeto, pobre, do tugúrio, não sabe falar mas surge no momento próprio. E este surgir é a sua maior eloquência.

Veio aquele pai a quem fora deixada por terra a barraca onde abrigava mulher e quatro filhos. Com este eram muitos pais a reclamar justiça para seus lares que pretendem dignos. A par tantas mães que aqui têm seus filhos vieram chorar com eles a morte do Pai adoptivo. Como traço de união a confirmar a identidade de espírito de quantos tomavam parte na romagem, vinha uma Irmãzinha de Jesus em cada auto-carro.

Os pobres têm como defensoras suas, aquelas para quem em tempos olhavam com desdém. Diante de tamanha espontaneidade, eu tenho para mim que mais do que nunca o mundo só espera a Justiça da Caridade. Que não é temerário dizer que só esta produz a Justiça aceitável, fruto do amor, diferente da justiça glacial que gera a revolta.

Pai Américo poucas vezes transpôs a cidade dos mortos para ir ao encontro dos vivos da Curreleira. Muitos nem o conheciam.

No entanto amavam-no porque contribuiu para que lhes fosse feita justiça, para que fossem mais amados. Experimentaram este amor quando repartiu com eles do muito que

nestes dias nos têm dado: géneros alimentícios, roupas, e mais...

Quantos não desejariam ter ali uma criança de tenra idade para receber a roupa infantil que lhes mostrei. Quantos e tão poucos a tinham porque nenhuns com condições humanas para tal.

Aquele que tem a Caridade como ineficaz para as grandes soluções sociais, que tem a Caridade como medida antiquada para os tempos da técnica e da ficha, que oia o eco das vozes destes pobres.

A Caridade Cristã de Pai Américo preparou a justi-

Lar de Lisboa

Se me perguntassem qual a impressão que tive da morte do Pai Américo, de certo diria o que sinto, e o que sentem aqueles que são agora, órfãos dum Pai que foi grande, para nós gaiatos. Pai disse eu, pois era assim que chamávamos aquele que tão bem compreendíamos e que melhor ainda nos conhecia.

Ainda me lembram aquelas palavras simples e francas, aquele sorriso que sempre misturava quando nos queria incutir o nosso lema: Obra de rapazes, para rapazes, pelos rapazes; o dever da responsabilidade, o carácter, e o espírito vicentino, etc. Quem nos dizia que havia de ir para o Céu na altura em que mais dele precisávamos? Deus é grande e tudo pode. Oxalá, que agora do Céu, o Pai Américo, diante de Deus todo poderoso, peça inspiração, vontade e sacri-

FALA O «BANANA»

Aqui há tempos eu falava no nosso Jornal que a venda não prestava, mas agora esta valeu por todas. Cá os rapazes queriam que os senhores não fossem atrás, que continuassem cada vez mais para a frente.

Começamos a vender por volta das 8 horas da manhã e muitos às dez horas já não tinham jornais porque os bons tripeiros queriam «O Gaiato» e até os vendedores não davam vazão aos fregueses e foi preciso mandar vir de Paço de Sousa três vezes jornais e também foi preciso vir mais vendedores. Na cidade do Porto vendemos dezoito mil jornais. É obra, mas o Porto é Porto!

Os senhores não calculam a nossa alegria a vender o «Famoso». Ao tempo que a gente apregoávamos «O Gaiato» as lágrimas caíam-nos pela cara fora. Se os senhores comprarem o Jornal do Gaiato lê o Evangelho e quem lê o Evangelho lê o Gaiato. O nosso Jornal serve para toda a gente tanto ricos como pobres. Eu vendi 600 jornais aos pobres e muitos diziam-me—não quero porque só tenho \$50, outros \$80 e etc. O Pai Américo tinha-nos dito: «Rapazes da venda; se alguns pobres não tiverem dinheiro para comprar o nosso Jornal dá-se-lhe de graça». Então a gente cumprimos o que ele disse.

Estejam descansados porque o Pai Américo está no Céu, está vivo, está presente conosco, está a pedir por nós e por vós ao Pai Celeste. Todos os dias temos cá visitantes em nossa casa e na campa do Pai Américo o deixam as suas lembranças.

Mário Ramos (Banana)

ça dos homens para com os homens.

A Curreleira reconheceu-o e aguarda confiante o futuro.

E por isso aqui deixaram duma peregrinação ao seu túmulo.

Eu disse-lhes que não.

Padre Baptista

fício para aqueles que são os seus continuadores—os continuadores que ficam sem aquela figura dinâmica, bondosa, excepcional que ele foi.

Quis Deus que o fôssemos ver pela última vez dormindo o sono da eternidade. Não parecia que tinha sido um desastre, porque o seu rosto deixava transparecer o olhar dum justo. Eu é que sei o que me vai na alma! Agora mais me apeteia chorar do que escrever, no entanto, não quero deixar de desabafar nas colunas do «Famoso», manifestando os meus sentimentos.

Agora que vou acabar, limito-me a encarar o futuro na certeza de que doravante os nossos amigos nos olham de frente e não deixam de colaborar nesta Obra que não é só nossa, mas de todos vós.

João de Deus M. Rocha de Assis

Nota da Secretaria Episcopal do Porto

O saudoso Padre Américo de Aguiar, fundador da «Obra da Rua» e de outras actividades caritativas, tinha elaborado os Estatutos pelos quais se devia reger aquela Obra e tê-los aprovar, no ano de 1947, pelos Exmos. Snrs. Subsecretário de Estado da Assistência Social e Bispo do Porto. Nesses Estatutos previa a sua sucessão nos termos seguintes (cap. III, art.º 6): «A «Obra da Rua» será superiormente orientada por um sacerdote, que será o director da Casa Mãe de Paço de Sousa, proposto ao Prelado da diocese do Porto, pelos directores das Casas do Gaiato que existirem à morte do fundador da instituição». E no art.º 8º determina-se que «as Casas do Gaiato serão dirigidas por directores propostos pelo Director da Casa Mãe de Paço de Sousa ao Prelado da diocese onde funcionam».

Para darem cumprimento àquele artigo reuniram-se todos os sacerdotes que, à morte do fundador, com conhecimento seu e consentimento dos respectivos Prelados, se encontravam ao serviço ou proximamente interessados na Obra, em número de cinco, e todos compareceram pessoalmente no Paço Episcopal do Porto, no dia 18 de Julho, onde recebidos pelo Venerando Prelado, lhe declararam que por unanimidade propunham, para sucessor ao Fundador, o Rev.º Padre Carlos Calamba. O Prelado aceitou a proposta, dirigiu-lhes, com os seus sentimentos pela morte do Snr. Padre Américo, palavras de louvor, encorajamento e exortação ao melhor entendimento e fraternidade sacerdotal e prometeu comunicar a escolha feita ao Governo e aos Exmos. Prelados interessados. Esta comunicação, uma vez posta por escrito aquela escolha, foi já oficialmente feita.